

Sarney pede que unidade da Arena seja "compacta"

Da sucursal de
BRASÍLIA

Ao abrir ontem a reunião com os futuros governadores, o presidente nacional da Arena, senador José Sarney, pregou a unidade do partido, "não apenas episódica, nas votações em plenário, mas realmente compacta como necessita o País, a fim de que os planos de governo traçados conosco atendam à Nação e ao desejo da maioria".

O futuro governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, saudou a direção partidária em nome de seus companheiros, e afirmou que a Arena quer o diálogo, "porque somos fortes e ninguém vai nos acuar, porque representamos a maioria do povo em nossos Estados". Ao defender a necessidade de tornar a ação partidária agressiva, ele considerou "indispensável o diálogo com operários, estudantes, com a oposição, para fortalecer a nossa democracia".

A reunião entre a direção arenista, o futuro ministro da Justiça, Petrólio Portella, e os 25 governadores da Arena (inclusive dos Territórios e do Distrito Federal) iniciou-se às 15 e 30 e foi dividida em duas partes. Na primeira, aberta ao público, o presidente do partido e o governador da Bahia discursaram em tom inflamado. Em seguida, a portas fechadas, foram discutidos abertamente os problemas de cada Estado.

Em seu pronunciamento, José Sarney se referiu "à difícil missão de comandar a maioria, jamais abdicando do comando das iniciativas políticas mas sem pretender implantar a ditadura da maioria e respeitando os direitos da minoria". E pregou a integração da Arena em todos os níveis, conclamando os novos governadores "a examinar como o partido apoiará as diretrizes do governo".

"Ao nosso partido, que no passado foi capaz de sair vitorioso nas eleições e deu respaldo político à determinação do presidente Geisel de votar as reformas políticas, cabe agora apoiar o futuro presidente da República numa fase de transição, na complementação das reformas políticas" — observou o senador. Ele acrescentou que "os governadores devem explorar as bancadas arenistas no Congresso e obter seu apoio e ajuda para participar de programas de governo e respaldar as diretrizes do governo Figueiredo".

Em resposta, Antônio Carlos Magalhães pediu o apoio da direção da Arena aos governadores, para que eles possam vencer as dificuldades que encontrarão. Defendeu agressividade da Arena "para construir um regime democrático em que a autoridade seja respeitada e a vontade do povo a diretriz maior dos planos do governo", lembrando que a abertura política "iniciada num momento de dificuldades econômicas vai exigir empenho e arte dos governadores para conviver com as dificuldades econômicas". Considerou, por isso, o encontro "um bom ponto de partida", pois eles precisam da Arena e do presidente da República para governar. E concluiu, pedindo o apoio do governo: "O País não pode ter tranquilidade com Estados fracos".

"REUNIÃO PROVEITOSA"

"Foi a maior manifestação de apoio ao presidente do partido que já se prestou. Ele vai falar em nome dos governadores, mesmo não sendo governador", afirmou ao final da reu-

ros governadores que dele se despediam: "Do começo ao fim, sem uma dissonância, só se falou em articulação com as bancadas arenistas na Câmara e nas assembleias. Vieram todos os governadores, exceto Lucídio Portella, do Piauí, que está chegando hoje da Europa".

"Foi uma reunião extremamente proveitosa", declarou Sarney aos jornalistas, "no sentido de inaugurar, em uma nova fase da vida pública brasileira, um tipo de relacionamento que se destina a uma perfeita integração do partido, entre seus executivos estaduais e as bancadas no Congresso". Ele disse que os governadores estavam sensibilizados com a necessidade cada vez maior de serem prestigiados os deputados.

Ainda que circulasse no Congresso a informação de que a direção arenista iria apresentar um documento, que, aprovado formalmente pelos futuros governadores, seria levado ao general Figueiredo, ninguém falou no assunto. Sarney disse apenas que "os resultados da reunião irão para o futuro presidente da República e isso significa uma unidade compacta do partido em torno das diretrizes básicas de seu governo. Pretendemos manter permanentemente esses contatos para avaliar a execução dessas políticas e oferecer sugestões para que atinjam seus fins".

Entre tapinhas e abraços no presidente nacional da Arena, Antônio Carlos Magalhães, governador da Bahia, explicava que, "em síntese, as bancadas arenistas vão lutar pelos interesses estaduais".

Enquanto o futuro governador pernambucano, Marco Maciel, considerava o encontro positivo por ter permitido o conhecimento, de maneira geral, do que vem sendo feito pelos governadores estaduais para integração e fortalecimento da Arena, o governador gaúcho Amaral de Souza repetia aos repórteres o que apresentou a seus colegas. "O meu programa de governo foi submetido ao diretório regional da Arena e à bancada arenista na Assembleia e foi ampliado com sugestões deles partidias. A democracia se opera na proporção direta da ação dos partidos e o fortalecimento da presidência da Arena como canal para a troca de sugestões é importante para dar unidade à ação política dos governadores."

Para o futuro governador amazonense, José Lindoso, a reunião serviu para se tentar fixar nova metodologia de trabalho para o partido do governo. A fase do triunfalismo terminou e a Arena é um partido que veio para ficar, cabendo nesse particular grande responsabilidade aos governadores escolhidos. Tanto Lindoso quanto Ney Braga, do Paraná, concordam em que a Arena dê atenção cada vez maior não apenas às suas próprias bases, mas também a todos os setores comunitários.

Guilherme Palmeira, de Alagoas, observou que, se as manifestações ouvidas na reunião frutificarem, as sublegendas servirão, de fato, para tornar a Arena mais forte e unida e não para enfraquecê-la e dividi-la. Disse que o encontro serviu para uma exposição de problemas administrativos dos futuros governadores.

A esse respeito, Antônio Carlos Magalhães observou, depois, que não se pode esperar um ajustamento de todas as dissidências arenistas com os governadores, embora possa